

APRESENTAÇÃO

DA INQUISIÇÃO AO HOLOCAUSTO: REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA

From Inquisition to Holocaust: Violence Representations in Literature

DOI: 10.14393/LL63-v36n2-2020-0

Fernanda Aquino Sylvestre *

Kenia Maria de Almeida Pereira**

Lyslei Nascimento ***

A Inquisição portuguesa ficou conhecida como uma das instituições mais rigorosas e trágicas de toda a Europa, além de estender também os seus suplícios para a colônia brasileira. De 1536 a 1861, o Santo Ofício sentenciou e matou milhares de pessoas consideradas hereges, dentre elas, cristãos novos, judeus, muçulmanos, calvinistas, além de mulheres julgadas como bruxas ou pactárias com o diabo. Foram quase trezentos anos de fanatismo religioso que assombraram as terras de Camões, armando forcas e acendendo fogueiras para liquidar os réus. Anita Novinsky chega mesmo a afirmar que era tão grande o poder da Igreja nessa época que a “Inquisição converteu-se em um poderosíssimo Estado dentro do Estado” (NOVINSKY, 1994, p. 68). Aliás, essa tirania do Tribunal da fé, complementa Francisco Bethencourt, era “um importante instrumento nas mãos papais para conservar o poder da Igreja [junto] às autoridades civis” (BETHENCOURT, 2000, p. 35). Antônio José Saraiva aponta que essa combinação entre o direito eclesiástico e o direito civil só foi possível “graças a uma aliança

* Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Doutorado em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. ORCID: 0000-0002-9387-1395. E-mail: fernandasyl(AT)uol.com.br

** Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Doutorado em Literatura Brasileira pela UNESP/ São José do Rio Preto. ORCID: 0000-0002-2005-2049. E-mail: kenia(AT)triang.com.br

*** Professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Doutorado em Letras: Literatura Comparada pela UFMG. ORCID: 0000-0001-6517-9572. E-mail: lyslei(AT)ufmg.br

entre o Rei e o Papa” (SARAIVA, 1994, p. 19), o que ajudou a perpetuar a Inquisição por mais de trezentos anos.

No século XX, durante a Segunda Guerra Mundial, novamente a Europa se vê envolta em barbárie. Dessa vez, o nazifascismo, encarnado na figura abominável de Hitler, impetra um dos mais pavorosos genocídios, perseguindo e sacrificando, de forma sistemática, milhões de judeus, ciganos, comunistas, Testemunhas de Jeová, homossexuais, além de adultos e crianças portadoras de deficiência. Para Primo Levi, que vivenciou tais rigores como prisioneiro em Auschwitz, a experiência do Campo de Concentração fica para sempre impregnada na memória de quem a provou, como o mal do século que “zune e martela, sem descanso, constrói fantasmas e signos terríveis, sem parar os traça e os agita numa névoa cinzenta na tela dos sonhos” (LEVI, 1988, p. 89).

No entanto, algumas dessas vítimas, com a ajuda de terceiros ou por um golpe de sorte, conseguiram escapar da prisão e da morte, fugindo e exilando-se, muitas vezes, nos Estados Unidos ou na América Latina. Muitos escolheram o Brasil como nova pátria, procurando, nos trópicos, refúgio e paz em tempo de catástrofe. O escritor Stefan Zweig, um desses refugiados que optou por se exilar no Rio de Janeiro, comenta que, viver sob o enalço nazista, era desumano e intolerável para os grupos perseguidos, uma vez que na Europa “cassaram-lhes todos os direitos e com o mero prazer de divertirem-se, praticaram neles todas as violências contra o espírito e contra o corpo” (ZWEIG, 1942, p. 459). Assim, diante dessas atrocidades promovidas pela gestapo, principalmente contra os judeus e seus descendentes, tem razão Zygmunt Bauman (1998), quando vê no Holocausto tanto um produto como um fracasso da civilização moderna.

Desta forma, tanto a Inquisição como a Shoah representariam as duas catástrofes responsáveis pelos crimes mais abjetos que permeiam do século XVI ao XX, no entanto, a Literatura não ficou omissa diante desses trágicos acontecimentos. A Inquisição e também o Holocausto perpassam o discurso sombrio da literatura de testemunho, como aponta Márcio Seligmann-Silva (2003), bem como impregnam também as imagens contundentes dos cronistas, além das metáforas, alegorias e símbolos de romancistas e poetas. Representações da Inquisição podem ser, por exemplo, identificadas em autores como Gonçalves de Magalhães, Antônio José da Silva, Padre Antônio Vieira, Serrão de Castro, Cavaleiro de Oliveira, Machado

de Assis, Moacyr Scliar, Dias Gomes, José Saramago, Pepetela, Richard Zimler, dentre outros. Já no que se refere aos traumas do Holocausto, encontramos, por exemplo, personagens dramáticos e desiludidos na ficção de Roberto Drummond, Samuel Rawet, Moacyr Scliar e Philip Roth. Pode-se ver, também, as cicatrizes e consequências da Shoah e dos Campos de Concentração na obra de Primo Levi, Stefan Zweig, Paul Celan, Anne Frank, Bem Abraham e Imre Kertész. Assim, diante desse grande espectro que é a Inquisição e a Shoah na Literatura, propomos esse dossiê que, com certeza, por meio dos vários artigos aqui presentes, contribuirão com reflexões, para a compreensão do tempo e do espaço, da arte e da história, da ficção e dos discursos sobre o poder e sobre a violência que neles podem estar inscritas.

Reforçamos, ainda, que tanto a Inquisição como o Holocausto são temas extremamente atuais, uma vez que, resquícios da intolerância e do nazifascismo, com todo seu aparato de violência, ainda teimam em fincar raízes no contemporâneo. Não são poucas as matérias divulgadas quase todos os dias pela mídia enfocando o aumento das perseguições políticas e religiosas, em várias partes do mundo, além do racismo e do antissemitismo, que infelizmente ainda fazem parte da agenda de muitos governos e de vários grupos extremistas.

Sendo assim, dividimos este número da revista *Letras & Letras* em três seções: a primeira contém assuntos sobre a Inquisição, a segunda enfoca a Shoah ou Holocausto, e a terceira seção Varia apresenta temas diversificados.

O primeiro artigo, por exemplo, que abre a primeira seção desta Revista, intitulado “Temáticas da Inquisição no teatro de Dias Gomes: olhar sobre a peça *O Santo Inquérito*”, de Ediluce Batista Silveira, interpreta as ações do Santo Ofício nessa peça, como uma alegoria do período ditatorial brasileiro. A autora enfoca a cristã-nova, Branca Dias, condenada por heresia e por supostamente compactuar-se com Satã, fatores que a levaram a perder a vida numa fogueira da Inquisição. O segundo artigo, “Inquisição Ibérica e Nazismo. Paralelos entre a legislação racial, linguagem e perseguição. Os casos de Bento Teixeira e Victor Klemperer”, de Eneida Beraldi, aproxima e problematiza a vida e a obra desses dois professores e escritores, que, embora tenham vivido em épocas distintas: um no período inquisitorial do Brasil Colônia e o outro no nazifascismo europeu do século XX, ambos formam testemunhas e registraram as perseguições e a violência dos regimes dos quais foram vítimas. Já o terceiro capítulo, elaborado por Kenia Maria de Almeida Pereira, “Temáticas da Inquisição na poesia de Machado

de Assis: uma leitura do poema ‘A Cristã-nova’, foi vertido para a língua inglesa, na tradução de Marcela Henrique de Freitas e Igor Antônio Lourenço da Silva, sob o título de “The Inquisition Theme in Machado de Assis’ poetry: a reading of the poem ‘A Cristã Nova’ (‘The new Cristian’)”. Nesse texto, a autora enfoca, nas melancólicas estrofes machadianas, a ação perversa dos Visitadores do Santo ofício em terras brasileiras, além das ambiguidades e as contradições da identidade marrana que perpassam tanto as inquietações de Ângela como os temores de seu velho pai. Maria Alice Gabriel, por sua vez, apresenta o artigo “Honra, feitiçaria e os anais da Inquisição de Lima”, cuja temática gira em torno das ações inquisitoriais no Peru do século XIX, que incriminavam curandeiros, bruxas e feiticeiras. A autora analisa o caso do escravo Manuel Cosio, relatado pelo escritor peruano Ricardo Palma nos *Anais da Inquisição de Lima* (1863). No último artigo dessa seção, “Enforcados, queimados e exilados: *As bruxas de Salém e O Judeu*”, Paulo Augusto Nedel aproxima essas duas obras literárias, que embora, transcorram em momentos históricos diferentes: a primeira no século XVII, período de perseguição às bruxas nos Estados Unidos e a segunda, em plena Inquisição portuguesa do século XVIII, podem simbolizar e denunciar respectivamente tanto a violência do Macarthismo americano como os desmandos da ditadura de Salazar.

Na segunda parte desse dossiê, temos sete artigos, os quais contemplam gêneros que vão da literatura de testemunho a textos epistolares, cujas temáticas se relacionam ora à Segunda Guerra Mundial, ora às consequências trágicas do Holocausto na Europa, além dos abusos impetrados contra os judeus no período da ditadura militar no Brasil. Elielson Figueiredo, por exemplo, com o artigo “Memória, literatura e responsabilidade: uma proposta para os Estudos do Testemunho a partir de Emmanuel Lévinas”, problematiza a questão do sentido ético da responsabilidade, elaborado pelo filósofo Lévinas, e a possível validade desse termo como categoria de análise para a crítica de Testemunho. Na sequência, Geovane de Melo Júnior com “Cartas em tempos de guerra: a correspondência entre Stefan Zweig e Sigmund Freud”, analisa as epístolas trocadas entre esses dois autores, principalmente as que contemplam assuntos relacionados ao antissemitismo e à Segunda Guerra Mundial. O terceiro texto dessa seção “A segunda morte de Juan Larrea: o testemunho pela ficção em *A Montanha Branca*”, de João Philippe Lima, analisa o romance do espanhol Jorge Semprún, relacionando memória, esquecimento, real e ficcional ao tratar do testemunho de um sobrevivente do lager.

Em seguida, Joyce Fernandes com o artigo “Resistência e pertencimento: representações do judaísmo em K., de Bernardo Kucisnki”, com base principalmente em Foucault e Anderson, enfoca tanto a questão da Resistência como da Identidade judaica ao analisar a dramática história de um pai em busca da filha desaparecida. O quinto artigo, de Lunara Calixto, “Aspectos históricos na narrativa *O Ciclo das águas*, de Moacyr Scliar, aborda o “tráfico de escravas brancas”, ou de “polacas”: um fato histórico do século XX, em que migrantes judias, fugindo para a América Latina, foram vítimas de uma criminosa organização internacional, *Zwi Migdal*, a qual obrigavam-nas a se prostituírem. Na sequência, o texto “Walter Benjamin, um crítico em Weimar”, de Michel Amary, apresenta uma análise e uma interpretação de como este filósofo alemão refletiu, durante a escrita de seu livro *Origem do drama barroco*, sobre as significativas transformações político-sociais germânicas: da transição do Império Guilhermino para a fundação da República, até a ascensão do nazifascismo. Finalmente, o artigo que encerra essa seção “Vida Judaica em tempos de ditadura”, de Saul Kirschbaum, analisa a obra *Traduzindo Hanna*, de Ronaldo Wrobel, enfocando principalmente o antissemitismo na Era Vargas e o fluxo migratório de judeus da Europa para o Brasil nos anos 1920 e 1930. Tal qual no artigo de Lunara Calixto, aqui também há reflexões sobre o tráfico de escravas brancas, conhecidas como “polacas”, e suas consequências para a comunidade judaica.

A seção Vária conta com cinco artigos com temáticas que vão do estilhaçamento da identidade até às polêmicas em torno da violência simbólica que envolve a poligamia na cultura moçambicana, bem como análises do romance *Amada* de Toni Morrison. No primeiro artigo intitulado “A fragmentação da identidade na figura dos retornados de Antônio Lobo Antunes”, Daniella Sigoli Pereira discute, na obra desse importante autor português, as amargas consequências político-sociais da Pós-Revolução dos Cravos, a partir do ponto de vista dos retornados. Em seguida, Carlos Wender Sousa Silva, com “A representação artística como possibilidade de reflexão crítica sobre a catástrofe histórica”, reflete sobre as intersecções entre obra de arte, evento histórico e recepção diante da catástrofe. Luciana Brandão Leal, por sua vez, em “A *performance* poética de José Craveirinha”, analisa poemas desse autor moçambicano, abarcando principalmente questões da violência colonial, que perpassam suas estrofes em língua ronga. Finalmente, Vanessa Neves Pinheiro e Rodolfo Moraes Faria, com o artigo “Poligamia adulterada: violência simbólica e tragédia afetiva em *Nikette*, de Paulina

Chiziane”, analisam nesse romance moçambicano a violência simbólica, com base nos pressupostos teóricos da obra *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu. Já o texto da professora Amanda Luzia da Silva, com base nas teorias de Nietzsche, propõe uma análise das representações do afeto no romance *Amada*, de Toni Morrison.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

NOVINSKY, Anita. **A Inquisição**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SARAIVA, Antônio José. **Inquisição e cristãos-novos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003.

ZWEIG, Stefan. **O mundo que eu vi: minhas memórias**. Trad. de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro: Guanabara, 1942.